

QUE PRAZER TER UM LIVRO PARA LER!

Ana Saldanha

Quando eu era pequena, adorava chupa-chupas, rebuçados e limonadas muito doces. Aos catorze anos, passava dias inteiros de Verão a tostar na praia, imóvel como uma baleia (esquelética) que tivesse vindo dar ao areal e dali não saísse. Não há amor como o primeiro, diz-se. Mas essas minhas paixões, por docuras enjoativas, pelo sol esturricante, perdi-as para sempre. Uma delas, no entanto, mantenho desde os seis anos: ler. Mal aprendi a ler, descobri o vício mais difícil de perder que existe e continuo a ser como a menina míope que enfiava a cabeça num livro e ficava cega e surda a tudo o que a rodeava.

1. Li *Heidi*, a história de uma menina que vai viver com o avô para uma montanha na Suíça. Era um livro grande e grosso, tinha capas duras e ilustrações a cores, tinha uma menina boazinha, a Clara, um rapaz simpático, o Pedro e, claro, uma heroína cheia de atrevimento, a Heidi.

2. Li a série *Anita*. A Anita não era bem como eu. É certo que partilhávamos o nome e ela, como eu, ia à praia e ao campo, ia à escola e às compras com a mãe; mas eu imaginava que ela tinha um fornecimento inesgotável de chupa-chupas de limão (já nessa altura, embora me agradasse a doçura, gostava dela com um travo de acidez).

3. Li as aventuras dos Cinco, dos Sete, das Gémeas, muitos livros que eram um só, todos produzidos por uma empresa chamada Enid Blyton, especializada na criação de um mundo agradavelmente esquemático.

4. O tio Patinhas, o pato Donald e os sobrinhos, o Pateta, o Mickey e a namorada preenchiavam os momentos em que não tinha mais nada para ler.

5. Os gémeos espartanos, Marie Curie, David Crockett, Vasco da Gama e Daniel Boone conviviam nas minhas estantes e na minha cabeça e revelavam-me outras maneiras de viver.

Continuei a ler:

6. Júlio Dinis, conservador e simples, que conhecia melhor do que eu a aldeia da minha avó e as suas personagens de romance.

7. De Camilo, com a sua acidez minhota, matreira, lia pedaços, saltava páginas e páginas. Já li vezes sem conta o texto em que parodia o *Guia do Viajante em Braga* (in *Novelas do Minho*) e rio-me sempre quase até às lágrimas.

8. Eça de Queirós (havia dois: um bonzinho, que tinha escrito *O suave milagre* e o autor de *Singularidades de uma rapariga loira*, alguém bastante menos «catequista»).

9. Vergílio Ferreira, *Aparição*. Li este romance aos doze anos e perturbou-me a personagem que repete em frente ao espelho a palavra «galinha». Nunca mais voltei a lê-lo.

10. E lia romances históricos, franceses, de aventuras, existenciais, páginas e páginas do *Manual de Etiqueta e Civilidade* da Condessa de Gencé, um tratado de silvicultura ou a lista das marcas de máquinas que recomendavam o detergente lá de casa quando não havia mais letras à minha volta para eu juntar e formar sentidos.

Sem ordem, sem método, sem acompanhamento nem censura. Li muito, li muito mal – de esquelha, não chegando ao fim, saltando páginas, sem fazer fichas de leitura nem prestar atenção ao estilo. Li pelas razões erradas e para fins reprováveis: escapismo, desculpa para não estudar ou não ajudar em casa.

E o pior (ou melhor) é que continuo a ser esse tipo de leitora. Por quê? Porque posso, todos podemos. Os livros permitem-nos estas liberdades. Não se zangam se não formos ter com eles quando devíamos ou chegarmos atrasados, se abandonarmos a Anita a meio do caminho para a escola, se tratarmos o conselheiro Acácio sem o respeito que julga merecer e lhe fecharmos o livro na cara, se os traírmos até. Mas, como amigos indulgentes que são, os livros merecem que não os abandonemos de todo. Merecem ser tirados da estante de vez em quando, para as suas páginas arejarem e ganharem nova vida. ■



Ana Saldanha é uma das escritoras mais queridas das novas gerações. Nos seus textos, uma especial habilidade em dar voz aos interesses, ideais e valores dos seus leitores que rapidamente se identificam com as personagens e os universos ficcionais por ela recriados. Detentora de uma linguagem ágil e de um estilo fluente, a autora recria com particular visualismo e significado afectivo as vivências e o mundo anterior de adolescentes e jovens, estimulando a reflexão e possibilitando o diálogo. Um humor subtil percorre muitas das suas obras que revisitam a tradição e a enriquecem com novos e estimulantes contributos.

Obras “para” crianças e jovens

- ▶ *Cinco Tempos, Quatro Intervalos*, Caminho, 1999.
- ▶ *Para o Meio da Rua*, Caminho, 2000.
- ▶ *Como Outro Qualquer*, Caminho, 2001.
- ▶ *Uma Questão de Cor*, Caminho, 2002.
- ▶ *Nem Pato nem Cisne*, Caminho, 2003.
- ▶ *Pico no Dedo*, Caminho, 2004.
- ▶ *O Pai Natal Preguiçoso e a Rena Rodolfa*, com ilustrações de Alain Corbel, Caminho, 2004.
- ▶ *Escrito na Parede*, Caminho, 2005.
- ▶ *O Sam e o Som*, com ilustrações de Gémeo Luís, Caminho, 2006.
- ▶ *O Romance de Rita R.*, Caminho, 2006.